

Detecção de causas, análises acústicas e intervenção clínica fazem pesquisadoras corrigir problema de fala

Quando a criança deixa de trocar letras

MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br

Assim como o personagem Cebolinha das histórias em quadrinhos, criado em 1960 pelo desenhista Maurício de Sousa, muitas crianças falam “plaia” em vez de “praia”. Tradicionalmente, tanto especialistas quanto leigos consideram que elas trocam a letra “R” pela “L” no momento de pronunciar determinadas palavras. Puro equívoco, segundo duas recentes pesquisas desenvolvidas por integrantes do Laboratório de Fonética e Psicolinguística (Lafape) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. De acordo com os estudos, o que ocorre nesses casos é que o menino ou a menina comete uma pequena imprecisão no momento da verbalização. “Por meio de análises acústicas, nós comprovamos que quando a criança diz ‘tapo’ no lugar de ‘sapo’, esse ‘T’ é diferente daquele empregado na palavra ‘tapa’”. Ou seja, a criança acha que está falando certo, pois ela de fato faz a distinção. Nossos ouvidos é que não percebem”, explica a coordenadora do Lafape, professora Eleonora Cavalcante Albano.

As pesquisas foram conduzidas pelas fonoaudiólogas Maria Cláudia Camargo de Freitas e Luciana Lessa Rodrigues, quando ambas faziam o mestrado no IEL – atualmente estão no programa de doutorado. Paralelamente aos estudos, cada um feito com dois alunos de uma escola municipal de Campinas, elas também realizaram uma intervenção clínica para corrigir o problema de fala das crianças. Graças à abordagem adotada, elas puderam identificar com precisão o que estava ocorrendo e, conseqüentemente, promover uma intervenção adequada aos casos. “Em menos de quatro meses, as crianças já estavam falando con-

forme o padrão visto como normal”, conta Maria Cláudia.

De acordo com a professora Eleonora, existe uma tendência relativamente generalizada entre os profissionais que trabalham com a fala de entender o fonema como um elemento estático. Por causa disso, boa parte deles costuma classificar a criança que pronuncia “caia” em vez de “cara” como uma “troca-lettras”.

No entanto, uma concepção mais recente vê o fonema como um evento dinâmico. A docente do IEL lembra que o tempo é constitutivo e influencia tudo o que ocorre durante a fala. “Existe uma coordenação de acontecimentos, cuja ordem nem sempre é linear. Algumas coisas ocorrem simultaneamente, enquanto outras seguem uma seqüência. Para que as pessoas entendam melhor, tome-se como exemplo a comunicação gestual. O gesto se faz no tempo. A fala também. A fala nada mais é do que um gesto articulatório”, esclarece. É a partir dessa perspectiva dinâmica dos sons da fala que os estudos foram desenvolvidos. A técnica da análise acústica foi empregada, informa Luciana, porque ela permite registrar detalhes do processo de produção da fala que não poderiam ser captados pelo ouvido humano.

Análises – Assim, as crianças que participaram dos estudos eram periodicamente levadas para uma cabine com isolamento acústico. Lá, elas pronunciavam palavras à medida que placas contendo desenhos eram exibidas. Todas as sessões foram gravadas por um equipamento de alta precisão. Em seguida, a gravação era analisada por meio de um programa de computador. “O que nós identificamos é que as crianças não trocavam os fonemas, como comumente se crê. Quando falavam, elas faziam distinções entre eles. Para elas, ‘caia’ em referência à palavra ‘cara’ é diferente do ‘aia’ presente na palavra ‘saia’. Nossos ouvidos é que não

são capazes de perceber essa sutileza. Simplificando, não se trata de um distúrbio articulatório ou de um desvio fonológico, como o problema é tradicionalmente diagnosticado. É apenas uma imprecisão do gesto articulatório correspondente. Em termos de fala, essas crianças têm somente uma realização que fica aquém do que é considerado ótimo”, analisa a professora Eleonora.

Essa concepção é importante, de acordo com as pesquisadoras do Lafape, porque permite um diagnóstico mais preciso, possibilitando conseqüentemente a adoção de terapias mais ajustadas ao problema de cada criança. “A abordagem passa a ser mais simples e rápida. Não é preciso, por exemplo, submeter a criança a exercícios para o fortalecimento da língua”, compara Maria Cláudia. Segundo Luciana, quando esse tipo de pronúncia acontece aos dois ou três anos de idade, normalmente não acarreta maiores conseqüências. A tendência é que o menino ou menina passe a falar segundo o padrão tido como normal sozinha. No entanto, quando a imprecisão perdura até os cinco ou seis anos, aí, sim, pode trazer algumas implicações.

Nessa fase, destacam as pesquisadoras, a criança normalmente está na escola e pode virar objeto de brincadeiras dos amiguinhos ou de repreensão por parte de professores. Muitas são apelidadas de Cebolinha ou Hortelino Troca-Letras, o personagem dos Looney Tunes. “Ainda não sabemos a razão de algumas crianças terem mais dificuldade em superar essa pequena dificuldade de coordenação. Alguns indícios apontam para a existência de fatores de ordem emocional, mas não há nada conclusivo. O importante, porém, é que os nossos estudos estão trazendo novas contribuições para o entendimento e o tratamento desse problema que tende a ser magnificado por outras perspectivas”, concluiu a professora Eleonora.



A pesquisadora Luciana Lessa Rodrigues: complicações podem surgir se imprecisão perdurar até os cinco ou seis anos



A fonoaudióloga Maria Cláudia de Freitas: “Em menos de quatro meses, as crianças já estavam falando conforme o padrão visto como normal”



A coordenadora do Lafape, professora Eleonora Cavalcante Albano: novas contribuições

Retrato de Brito passa a integrar Galeria de Reitores

ISABEL GARDENAL
bel@unicamp.br

Imagem do ex-reitor da Unicamp, Carlos Henrique de Brito Cruz, ficará eternizada na Galeria de Reitores da Unicamp. A solenidade de descerramento do seu retrato aconteceu no último dia 16 durante reunião extraordinária do Conselho Universitário (Consu). O ex-reitor deixou como uma de suas fortes marcas a inovação tecnológica. Chamado para falar sobre Brito o colega de turma no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), e também professor da Unicamp, o economista Carlos Américo Pacheco destacou a passagem de Brito pela Universidade, de 2002 a 2005. “As opiniões de Brito são referência nas áreas de ciência e tecnologia, tanto no país quanto fora”, manifestou-se.

Pacheco lembrou aspectos curriculares de Brito, que atuou no Instituto de Física “Gleb Wataghin” com estudos sobre fenômenos ultra-rápidos. “Talvez isso explique algumas esferas de sua vida”, disse o amigo de 30 anos. “É uma pessoa admirável e uma contribuição científica ao país.” Pacheco destacou três pontos principais no mandato de Brito à frente da Universidade: o programa de

expansão de vagas, o Programa de Ação Afirmativa (Paais) e a criação da Agência de Inovação (Inova). “Colocaria também um quarto ponto: a superação da fragmentação no processo de escolha dos colegiados”, contou Pacheco.

Para o reitor da Unicamp, professor José Tadeu Jorge, a homenagem ao colega reflete o que ele representa para a Universidade. “Estamos falando de uma pessoa com projetos bem-sucedidos e com quem tive a oportunidade de aprender muito. Se fôssemos elencar os seus projetos, teríamos muito a lembrar. Nunca tivemos uma gestão tecnológica tão relevante”, elogiou. Tadeu Jorge recordou que o ex-reitor insistia muito na sintonia entre a administração e os conceitos-base para a construção da Unicamp. “Dizia que todas as ações e projetos tinham que estar alicerçados nestes conceitos. Foi um grande mérito dele”, concluiu.

Após descerrar o seu retrato, o ex-reitor agradeceu muito o professor Bernardo Caro, artista plástico e professor aposentado da Unicamp, pelo apurado trabalho de reprodução de imagem em óleo sobre tela. O retrato de Brito é o oitavo na sucessão de reitores. Os anteriores foram: Zeferino Vaz (1966-1978), Plínio Alves de Moraes (1978-1982), José Aristodemo Pinotti (1982-1986), Paulo Renato Souza (1986-1990), Carlos Vogt (1990-1994), José Martins Filho (1994-1998) e Her-



No sentido horário, Brito Cruz, Tadeu Jorge e o pintor Bernardo Caro na solenidade de descerramento do retrato do ex-reitor

mano Tavares (1998-2002).

“Com as três idéias mencionadas por Pacheco, fomos montando cada uma das nossas iniciativas”, contou Brito. O homenageado destacou que quando se administra uma instituição como a Unicamp as pessoas podem beneficiá-la e dela se beneficiar. Prosseguiu relatando que muitas vezes nas reuniões do Consu as opiniões que pareciam antagônicas eram, antes, uma contribuição. “Conseguíamos chegar a algo construtivo e sinérgico. Por isso foi uma experiência fascinante. Percebi que a Unicamp

é uma espécie de inteligência coletiva. Aqui as idéias diferentes fazem a diferença”, garantiu.

A Unicamp, a USP, a Fapesp e a Unesp são exemplares, afirmou Brito. “São instituições de qualidade superior a muitas que o Brasil conseguiu criar. Não há nada que tenha evoluído tanto. Para mim, foi uma honra viver três anos como reitor desta Universidade”, reforçou. “Por vezes, fomos duros, mas trabalhamos bastante também.” O ex-reitor aproveitou a oportunidade para ressaltar o apoio da família, fazendo menção especial à

sua mãe, Helena. O Quinteto de Cordas da Orquestra Sinfônica da Unicamp encerrou a solenidade.

Currículo - Brito nasceu no Rio de Janeiro em 19 de julho de 1956. Graduiu-se em Engenharia de Eletrônica pelo ITA (1978), obtendo mestrado em Física em 1980 e doutorado em Física na Unicamp em 1983. Foi o segundo vice-presidente da Adunicamp no período 1984-1985, diretor do IFGW de 1991 a 1994, pró-reitor de Pesquisa de 1994 a 1998 e diretor do IFGW novamente entre 1998 e 2002. De 1996 a 2002 foi presidente da Fapesp por três mandatos consecutivos. Brito recebeu em 2004 o Prêmio Fundação Conrado Wessel, por suas pesquisas em física experimental. Em 2005 recebeu da Afrobras, organização mantenedora da Universidade Zumbi dos Palmares, a medalha do Mérito Cívico afrobrasileiro, pela criação de um programa de inclusão social que elevou o percentual de matriculados advindos da escola pública, na Unicamp, de 28% para 34% já no primeiro ano. Também em 2005 recebeu o título de Cidadão Campineiro da Câmara Municipal da cidade. É professor titular no IFGW. É membro titular da Academia de Ciências do Estado de São Paulo, da Academia Brasileira de Ciências e da Ordem do Mérito Científico. É, atualmente, diretor-científico da Fapesp.